

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexao-literatura.com.br

PORQUE AMAMOS LIVROS

REVISTA

conexão

Literatura

Dezembro/2021

nº 78



FERNANDO PESSOA e seus heterônimos

E MAIS ENTREVISTAS COM ESCRITORES CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS

SUMÁRIO DEZEMBRO DE 2021

Editorial, por Ademir Pascale, pág. 03

Lucky Per, um homem de sorte, por Gilmar Quarto Rocha, pág. 08

Marta Cortezão: entre luas, barcelos e amazonistas de fora dentro, por Cristiane de Menezes Alves, pág. 13

Dicas para leitura, pág. 16

O Cristo brasileiro e a imagem invertida: motivos de l'incarnation, por Reginaldo Leite, pág. 17

YouTube: citações de Carolina Maria de Jesus, por Ademir Pascale, pág. 21

Poesias: Favor, por Bert Jr., pág. 22

Virtualidades, por José M. da Silva, pág. 23

Presentes de Natal, por Bert Jr., pág. 29

Poesias: Distância, por Pedro do Amor, pág. 33

Em que pensas, urso?, por Daniela S. T. Merino, arte de Cláudia A. Tereshoff Marino, pág. 34

Poesia: A mentira e a verdade - Húsculo, por Aylton Sangy, pág. 38

Microcontos, por vários autores, pág. 41

Entrevista com o escritor Alex Bilton, pág. 44

Entrevista com a escritora Alice Vitória, pág. 49

Entrevista com a escritora Ana Paula, pág. 53

Entrevista com o escritor Edean Corrêa, pág. 57

Entrevista com o escritor Ercílio Dias, pág. 60

Entrevista com o escritor Francisco José Bordin, pág. 64

Entrevista com a escritora Georgina Célia Makuoué, pág. 66

Entrevista com a escritora Louyse Josefa, pág. 69

Entrevista com a escritora Lucilene de Carvalho, pág. 73

Entrevista com o escritor Luis Bello, pág. 75

Entrevista com o escritor Pierre Richard Serima, pág. 79

Entrevista com o escritor Aldair Ribeiro dos Santos, pág. 83

Conto: Três amigos, por Clayton Alexandre Zucaro, pág. 80

Conto: Cai céu ou tarde, por Idcarques, pág. 94

Conto: O filho, por Izol José Maria, pág. 101

Conto: O riacho, a pedra e a andorinha, por Marcelo Gomes Jorge Pires, pág. 105

Conto: O símbolo sagrado, por Miriam Santiago, pág. 109

Conto: Varão de 79, por Molitor Tomé, pág. 113

Conto: Cadeaus, por Mônica Palacios, pág. 119

Conto: Poeta da Lua, por Ney Alencar, pág. 122

Conto: Quem é você?, por Ney Alencar, pág. 127

Conto: O silêncio das flores, pág. 131

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literária, pág. 140

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexao-literatura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literária é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos político, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, leitos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores: www.revistaconexao-literatura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literária: www.revistaconexao-literatura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -

[f conexao-literatura](https://www.facebook.com/conexao-literatura) [i revistaconexao-literatura](https://www.instagram.com/revistaconexao-literatura) [yt conexaoe](https://www.youtube.com/channel/UC...)

POR JOSÉ M. DA SILVA



VIRTUALIDADES

O sexo virtual não é novo. Tampouco é bom ou ruim. É do mesmo naipe do "outro" sexo. Ou deveríamos dizer "outros sexos"? É somente uma evolução na forma de expressar o desejo a distância. Sim, porque sempre houve impossibilidades para o encontro físico de dois corpos, fossem quais fossem a diferença de classes, a família, a religião, o casamento, a timidez, a rejeição, além da óbvia distância geográfica. No entanto, sempre houve um jeito. O tesão sempre encontra um caminho.

Talvez o início do sexo virtual tenha sido a descoberta da masturbação. Os primeiros homens e mulheres descobriram que podiam ter prazer a sós, sem necessidade de se encontrar ou procriar. Um homem das cavernas esconde-se na mata e vê mulheres banhando-se no lago; a excitação cresce, até que jorra sua seiva sobre a terra. Sexo a distância, sexo virtual.

A memória e a imaginação humanas certamente foram responsáveis por muito gozo *in absentia*. Relembrar as pernas da mulher sob a roupa, os músculos tomeados do homem, os vultos, as silhuetas, os toques sutis de pele na pele, as vozes em nuances e entonações sensuais, o andar insinuante, os gestos suaves ou grosseiros, o suor escorrendo, o perfume que não se dissipa nem depois do banho, o cheiro do sexo... Lembrar faz imaginar, imaginar faz sonhar, sonhar faz desejar e pronto masturbação e gozo. Sexo a distância, sexo virtual.

Com a escrita, foi possível se corresponder com o objeto de desejo que estava distante, e também expressar os sentimentos de amizade, de amor, de paixão. E de sexo, claro. Quando homens e mulheres não se recolhiam a seus aposentos (e divertindo imaginar as desculpas dadas na ocasião) para ler e reter as missivas que continham fantasias implícitas, distarçadas, codificadas ou mesmo explícitas e lúbricas. Os olhos traduziam os símbolos escritos e as mãos deslizavam pelo corpo, por cima da roupa, por baixo, até que a explosão de prazer deixava as faces coradas e a roupa molhada. Com desenhos e, posteriormente, fotografias então... Sexo a distância, sexo virtual.

A prensa móvel trouxe relatos, reais ou ficcionais, de amantes que davam asas às fantasias mais variadas e elaboradas. A literatura erótica é um marco no sexo a distância. O livro, com uma história completa, detalhada, descrevendo cenas provocantes em contextos diversos, consagrou a palavra escrita como fonte inesgotável de prazer. O que é a literatura, afinal, senão o registro da vida humana em seus mais variados matizes? Sexo a distância, sexo virtual.

Uma invenção aparentemente ingênua, mas crótica e/ou pornograficamente poderosíssima foi o telefone. Ouvir a voz melosa "do outro lado do fio" era extremamente estimulante. A voz, a entonação, os gemidos, os suspiros, aquilo era o máximo! Um gozo diferente, moderno. A voz, os susurros, os gemidos, as promessas, as lembranças do que se fez, a expectativa do que viria a ser feito – sedução oral, em última análise. Sexo a distância, sexo virtual.

E foi a tecnologia criando novas maneiras de exteriorizar o sexo para vencer as limitações de tempo e espaço. Quantas declarações torráveis com riqueza de detalhes em fita cassete não fizeram os destinatários atingirem orgasmos inesquecíveis? E depois com o videocassete? As declarações agora tinham rostos, corpos, cenários – som e imagem a serviço do prazer solitário. Seria mesmo solitário? Ou seria um prazer a dois em distanciamento, em afastamento voluntário ou necessário? De qualquer modo, sexo a distância, sexo virtual.

O computador e a internet permitem começar a excitar o desejo do outro por meio do discurso, as palavras funcionando como preliminares; fones e microfones trazem o sabor da voz, dos gemidos, dos suspiros, não importa a distância, até que uma simples câmera traz a quase-presença. A roupa, o corpo, os movimentos, um vídeo com som e imagem – com participação e interação, da conquista e sedução até o gozo. Voyeurs, esibicionistas, tímidos, salientes, desconhecidos sem rosto, por segurança ou timidez, casais apaixonados, casais vazios, casais improvisados, casais formados ao acaso, trios, quartetos, grupos, com brinquedos ou com as mãos, gays, lésbicas, béticos, his, trans, jovens, velhos, sozinhos, em grupo – todo tesão agora tem solução; o que importa é o prazer dos participantes. O prazer de gozar com o prazer do outro visível na tela é indescritível. Sexo a distância, sexo virtual.

A modernidade trouxe a masturbação com *apogeu* – digitação e imagens e áudio e vídeo e realidade aumentada e mais o que estiver à mão: literalmente! A sala de bate-papo é o novo ponto de encontro, bar, festa, reunião, convívio, quermesse, carnaval, haxar da amizade, do amor e do sexo, o começo de qualquer possível relação, ou não; local para se avaliarem as afinidades e as possibilidades. Porque toda forma de amor vale a pena. Mais toda forma de amor é possível, real ou virtualmente. Faltam o cheiro e o toque, ainda, mas a realidade virtual vai resolver isso em breve. Quantos casais "reais" não nasceram de um sexo virtual descompromissado, oriundo de alguma rede social ou *live* de relacionamento? A verdadeira evolução do ser humano passa pelo sexo, seja real ou virtual, conforme a época e sujeitando-se aos costumes vigentes (nem sempre tolerantes com tais "liberdades" desabusadas). O sexo virtual é atraente e saboroso – sempre foi, sempre será – porque dos dois lados da distância estão seres humanos com muito tesão. A rigor, o real e o virtual são a mesma coisa: muda somente o veículo e o ambiente. A essência é a mesma. O diferencial reside na capacidade para e na liberdade de imaginação.

Permitir-se é o primeiro movimento; entregar-se é o resultado. O sexo real pode ser bom ou ruim, satisfatório ou frustrante, intenso ou morno ou inosso, memorável ou esquecível, pode criar dependência ou ser altamente saudável e recomendável; igualzinho ao sexo virtual, sem tirar nem pôr.

Lamentavelmente, há pessoas que acham que sexo virtual é sinônimo de pataria, de vulgaridade, de superficialidade. Uma pena, pois sem dúvida jamais o experimentaram, seja com conhecidos(as) ou desconhecidos(as). Não parte da turma do "não vi o filme, mas não gostei". O filme pode ser realmente ruim, ou a pessoa pode realmente não gostar dele – é admissível –, mas julgar sem passar pela experiência é complicado. Se bem que em todas as épocas houve pessoas que resistiram às inovações, às "modernidades", pelas mais diversas razões, muitas vezes só pelo mistério e inapetência do novo. Foi assim com as tecnologias, com a minissociedade, com a maior presença das mulheres na sociedade, com os negros, com os trans...

Mas o pior é que tem gente que acha sexo virtual sem graça e mecânico. Como se o sexo dito real fosse sempre uma maravilha... Como se o sexo dito real não trouxesse problemas... Como se o sexo dito real fosse exemplo de sinceridade, de honestidade para com os sentidos e os sentimentos... Como se o sexo dito real fosse um passaporte para a felicidade... #sabemdenada

O mundo é dos que experimentam, dos que viajam (geográfica ou vicariamente), dos que ousam, dos que apostam (ganhando ou perdendo), dos que amam (ainda que não sejam amados, só pelo tesão de amar), dos que usufruem de sua existência, ou seja, dos que vivem. Dos que gozam, em suma. A literatura e as artes de modo geral estão cheias de exemplos que comprovam esta tese. Quem sou eu para discutir com a Arte? Com as Musas? Além do que sexo é vida. Sexo real ou virtual, não importa. O que importa é viver o máximo possível antes de morrer. Da forma que nos aprouzer. O resto é o resto. O resto não suporta uma cirurgia, uma doença terminal, uma pandemia, uma entubação... E falando nisso, como resistir ao distanciamento social coronavirótico sem sexo virtual?

Bem, este texto já vai longo e filosófico. Vou encerrá-lo porque alguém de carne e osso e muito tesão me espera no outro extremo da virtualidade. Afinal, a terceira idade também goza. E só lembrar da última vez ni faz chegar a terra a digitação...



olho para a tela e não te encontro
nem um e-mail!
o celular não toca
nada de mensagem
comentários, postagens, nada
onde está você?
fazendo o quê?
com quem?
concluo que está me traindo, será?

vejo fotos antigas e recentes
comparo o antes e o depois
vídeos engraçados, vídeos caridosos
vídeos sensuais, imagens proibidas para olhares alienígenas
lembro de você
lembro de nós dois
leu rosto sorridente
leu corpo provocante
leu voz preparada
concluo que te amo

o tempo virtual passa
rápido demais
assim parece
e no entanto
o relógio continua acelerado
coa hora já?
e onde você?
concluo que sinto tua falta

vejo o mundo em pixels
e quem não vê?
lembro o mundo nos dedos
viago em cliques
meu cérebro é um grande sistema
cheio de apps, notificações
e atualizações constantes
caminhos neurais digitais
e por falar nisso
concluo que você já é parte de mim

ainda pensando
digitando
brô: uma selfie pra te mostrar
meu cabelo em desalinho
meu coração em desatino
hiperlinko geografia, história e física quântica
enquanto você está desaparecida da minha vida
e concluo que não sei mais o que fazer sem você perto de mim

o longe é perto quando estamos juntos
teus bús ressoam em meu peito
acesso arquivos de nós dois
muito sualades virtuais
vivencio sensações reais

e por que não
se te sinto tão intimamente a todo momento?
sotras a realidade de nossa virtualidade
convivero com a máquina
pergunta
indaga
pergunta
criseta
aprendo
assisto
navego
penso
choro
lembro
sinto
gozo
concluo que vivo

faço um café
quase dormo no teclado
e me peço pensando
o que makei?
se é que makei
makei a conexão
ou a substância?
makei a firma
ou o conteúdo?
e depois de alguns segundos reflexivos
concluo que nada de importante se modificou
concluo que ainda sou

mas não os caminhos
não mudam os caminhos
não mudam as chegadas
mas o continente
literalmente
não muda o teor
mas o ambiente
não muda o sentimento

youé demoras
entendo
quero te ver

e vendo a roupa
que desliza suavemente
por teu corpo quase nu
sinto a mesma excitação
a mesma excitação
da primeira vez que te vi
ou agora, você aí

e entre espasmos de prazer
concluo
que precisamos

urgentemente
nos encontrar
e nos tocar, sem parar

eu e você
realidade
seja de que tipo for
e fim

SOBRE O AUTOR

José M. da Silva, professor e tradutor, 63 anos, aprendiz de poeta, experimentador das letras. O que a vida ensina, a literatura comprova.